

ARTIGO

OS EFEITOS DOS DISCURSOS: SABER E PODER PARA MICHEL FOUCAULT E PIERRE BOURDIEU

Ana Paula Cavalcanti Simioni*

Resumo: Este artigo pretende tecer comparações entre as propostas metodológicas de Michel Foucault e Pierre Bourdieu no que se refere ao que denominam como "pesquisas genealógicas". Sublinha-se a ruptura que instauram, frente às análises sociológicas tradicionais, ao analisarem a interdependência entre discursos, verdades e poderes.

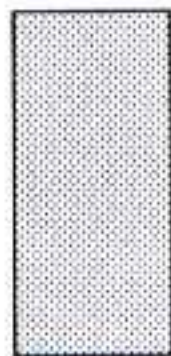
Palavras-chave: genealogia, saber, poder, discursos, disciplina

* Mestranda em Sociologia pela USP, pesquisadora-júnior do Instituto de Estudos Econômicos Sociais e Políticos (IDESP)

¹ É preciso lembrar que as interpretações, para os dois autores, bem como suas concepções de poder e de discurso decorrem de várias pesquisas concretas, não são posturas teóricas construídas a priori. Tanto um quanto o outro se recusam a elaborar teorias que expliquem toda a sociedade e história. Ao contrário, circunscrevem suas conclusões e interpretações aos objetos analisados. Sobre a ausência de uma teoria do poder em Foucault ver: MACHADO, Roberto. "A Genealogia do Poder" In MACHADO, Roberto. *Ciência e Saber: a trajetória da arqueologia de Foucault*. - RJ, Graal, 1982. p 194.

INTRODUÇÃO

A comparação das posturas metodológicas de Pierre Bourdieu e Michel Foucault é tarefa trabalhosa e extensa. Assim, foi preciso circunscrever um problema comum ao conjunto de seus escritos e, para tanto, elegeu-se os propósitos desses autores no que se refere aos seus projetos de pesquisa. Tais projetos, ainda que de diferentes modos, se referem à uma nova concepção de poder, subjacente a ambas as abordagens, e uma postura original em relação ao tratamento dos discursos. Mais do que isso, a relação entre o exercício dos poderes e a positividade dos discursos (saberes) é o solo comum em que ambos ancoram suas análises de fenômenos históricos e sociais concretos.¹



Neste artigo pretende-se traçar as divergências e convergências dos projetos de cada um dos autores supra-referidos, mais especificamente naquilo que denominam por genealogia, ou seja, a busca pela gênese das estruturas mentais, sociais e históricas. Após isso ter sido feito esboça-se uma reflexão sobre as inovações que esses tipos de abordagens sugerem com referência ao tratamento dos discursos.

A CONTEMPORANEIDADE DE FOUCAULT E BOURDIEU

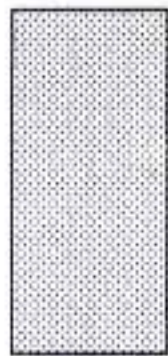
Embora separados por uma geração intelectual², tanto Foucault quanto Bourdieu podem ser considerados autores contemporâneos, filhos das transformações do mundo do pós-guerra e herdeiros dos impactos de Maio de 68, momento em que, como diz Foucault, apareceu a concretude³ do poder. Para Michel Foucault foram as lutas de bases e as lutas estudantis que colocaram em xeque o postulado de que o poder era aquilo que se exercia pelo Estado. Tal movimento tornou visível que o exercício do poder não é apenas uma atividade estatal e, portanto, macro, mas que se faz de diversas formas, em diversos locais, realizando-se nas microestruturas. Esse tipo de abordagem os incita a uma mudança em referência às análises tradicionais do poder: em primeiro lugar o poder não é posse, e sim exercício constante, que se realiza de várias maneiras e em locais distintos; não pode, assim, ser um atributo exclusivo do Estado.

O legado marxista vê nas lutas de classes a origem da desigualdade e do poder e no Estado o locus em que esse poder se concentra, bastando portanto a tomada do poder por uma nova classe para que se transforme e modifique a sociedade. Contra tal tipo de abordagem os herdeiros de Maio de 68 contrapõem uma nova concepção do poder em que ele é visto como relação, exercício e algo que está presente, de forma disseminada, em toda a sociedade. No caso de Foucault a concepção de poder mencionada se evidencia na utilização da noção de rede e, nas análises de

Os efeitos dos discursos: saber e poder para Michel Foucault e Pierre Bourdieu
Ana Paula Cavalcanti Simioni

² Ver Bourdieu, Pierre - *Coisas Ditas* - SP, Brasiliense, 1990. p.16. Em entrevista o autor se inclui na tradição estruturalista de Althusser e Foucault mas se separa deles, dizendo que foi um de seus alunos e que rejeitou a crítica que fazem do humanismo, o que lhe pareceu um modismo desta geração.

³ FOUCAULT, Michel - *Un dialogo sobre el Poder* - Buenos Aires, Alianza Editorial, 1990. p. 153



Os efeitos dos discursos: saber e poder para Michel Foucault e Pierre Bourdieu

Ana Paula Cavalcanti Simioni

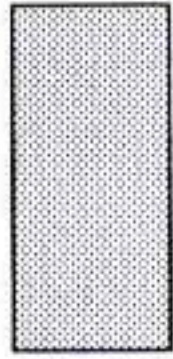
Bourdieu como algo presente nos campos sociais como reconhecimento.

Mas a contemporaneidade cronológica de ambos não os leva a uma reflexão comum apenas sobre a questão do poder. O mesmo acontecimento, Maio de 68, demonstrou que nas universidades, nas escolas, nos liceus, enfim, em todas as instituições consagradas ao ensino e ao saber (até aqui no singular) havia poder, dominação, sujeição. Ou seja, o saber, compreendido como algo verdadeiro e superior até então, não era neutro e nem um antídoto às relações de dominação. Também ele estava imerso nas malhas do poder, exercia uma sujeição dos indivíduos.

Tal constatação os leva, novamente, a rupturas comuns, dessa vez com o postulado da Verdade, ou melhor, do saber científico como o único verdadeiro. Segundo Foucault e Bourdieu, o discurso da ciência hierarquiza, impõe sua maneira de saber como superior a todas as demais e, dessa maneira, exerce uma dominação no âmbito dos enunciados ao definir quais são os verdadeiros e os falsos, os superiores e os inferiores.

Se a atividade científica, por si só, já exerce o poder, seus efeitos são ainda mais sérios. Os discursos científicos servem para normatizar a sociedade, definir quem é e quem não é normal (como fazem a psicologia e a sociologia), quem faz e quem não faz arte (como determina a estética), isto para citar alguns exemplos. Esse tipo de contestação os leva a se desfazerem da noção de que os discursos científicos são os portadores de uma racionalidade neutra, objetiva e isenta, que se opõe à escuridão, ao velamento e ignorância dos poderes. Os pronunciamentos da ciência são saberes que servem ao poder na medida em que fazem circular verdades que hierarquizam e normatizam a sociedade, através dos ditos e escritos do corpo de especialistas que realizam as enunciações científicas.

Para Foucault e Bourdieu, os enunciados articulados não pairam nos céus, a Verdade não está nas alturas. Os discursos e seus efeitos são, para ambos, historicamente e socialmente inscritos; o que equivale a dizer que a Verdade enquanto tal não existe, ao contrário, existem verdades construídas no tecido da história. É



possível, assim, se fazer uma história da verdade ou das lutas pela definição do que é verdadeiro. O sujeito de conhecimento enquanto portador da Verdade sobre o mundo, seguindo este raciocínio, não existe. Ele é antes uma invenção histórica e, como tal, seu discurso está limitado por elementos que lhe são exteriores⁴.

A concubinação entre saberes (discursos) e poderes, por um lado, e a concepção de poder enquanto relação, por outro, são os dois principais alicerces e resultados das empresas genealógicas realizadas por um e por outro autor. Até aqui procurou-se delinear, em suas grandes linhas, os marcos de convergência das propostas de pesquisa de Foucault e Bourdieu, agora faz-se necessário um exame atento às especificidades da análise genealógica em cada um dos casos; o detalhe, nestes casos, encerra uma vasta gama de divergências que serão tratadas a seguir.

O PROJETO GENEALÓGICO DE MICHEL FOUCAULT

Por que projeto genealógico e não simplesmente genealogia? Por projeto entende-se a dimensão consciente, proposital de uma empreitada, ou seja, o que se pretende aqui é estabelecer quais os objetivos das pesquisas de M. Foucault e não propriamente o que foi por elas atingido (que pressuporia uma análise exaustiva de “Vigiar e Punir” e da “História da Sexualidade I”, principais obras de sua fase genealógica).

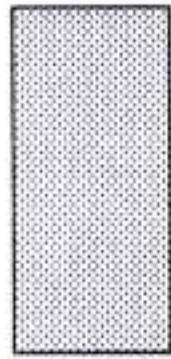
Em “Genealogia e Poder”⁵ o autor esclarece quais seriam as finalidades últimas das pesquisas genealógicas: 1) eliminar a tirania dos discursos englobantes; 2) ativar os saberes locais, ilegítimos; 3) empreender uma análise histórica das condições políticas de possibilidade dos discursos e 4) analisar os efeitos do poder⁶. Esses quatro objetivos são inextricavelmente vinculados mas foram momentaneamente separados para fins de análise. Valeria então indagar o que significa cada uma destas formulações e, para tanto, é preciso compreender as chamadas “precauções metodológicas” estabelecidas por Foucault em “Vigiar e Punir”.

Os efeitos dos discursos: saber e poder para Michel Foucault e Pierre Bourdieu
Ana Paula Cavalcanti Simioni

⁴ As afirmações acima foram elaboradas a partir da leitura de: FERRY, Luc & RENAULT, Alain – “O tipo ideal dos sixties filosofantes” In —. *Pensamento 68: ensaio sobre o anti-humanismo contemporâneo*. São Paulo, Ed. Ensaio, 1988. Ver pp. 26-38.

⁵ FOUCAULT, Michel – *A Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1989 (trad., org., sel. Roberto Machado).

⁶ MACHADO, Roberto, op. cit. p. 188



Os efeitos dos discursos: saber e poder para Michel Foucault e Pierre Bourdieu
Ana Paula Cavalcanti Simioni

⁷ Esta é a maneira pela qual Foucault se refere aos intelectuais em “Un dialogo sobre el poder” In FOUCAULT, Michel. *Un Dialogo Sobre el Poder*. Alianza Editorial, 1990. p. 9. Nesta entrevista o autor afirma que os intelectuais formam parte do sistema de poder, são agentes da consciência e dos discursos que forma este sistema. Daí decorre que a teoria não é teoria pura, é antes prática, exercício do poder de estabelecer verdades.

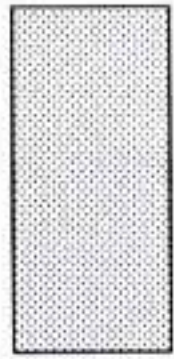
Não é fácil precisar quais são os agentes pronunciadores dos discursos, ao meu ver uma dificuldade ainda não solucionada.

Nesse texto diz Foucault que os últimos anos têm trazido à tona uma irrupção de novos saberes, uma produção intelectual autônoma não centrada nas instituições tradicionais (liceus, universidades, centros de pesquisa etc.), vista sempre como ilegítima pelos “agentes da consciência e do discurso”. A genealogia, segundo o autor, nasceu da junção de um saber erudito e da memória dos combates (denominação que o autor imputa ao saber desqualificado pelas instâncias legítimas), ou seja, teve como pressuposto o mesmo objetivo que pretende atingir: o fim do monopólio da Verdade absoluta da ciência globalizante (referência direta à maneira de fazer ciência que se desenvolve desde o século XIX, como por exemplo o marxismo).

O primeiro aspecto das precauções metodológicas deixa transparecer que o projeto sub-reptício é o de reativar os vários saberes antes vistos como ilegítimos ou desqualificados pelos cientistas, ou seja, recolocar os vários discursos formulados — e excluídos — ao longo da história, no âmbito da própria história. Assim, para se traçar a história das prisões não se recorrerá apenas aos discursos elaborados pelos juristas durante os séculos XVII, XVIII e XIX, a genealogia não busca “o que de fato aconteceu” tão-somente no discurso competente. É preciso buscar a história nos discursos dos médicos, das nascentes humanidades, nos quartéis, nas escolas, nas fábricas etc.⁸

O que significa, primeiramente, romper com o monopólio de verdade das instituições científicas, que passam a ser as responsáveis pelas formulações de discursos dentre outros discursos, saberes entre outros saberes, sem hierarquia. Em segundo lugar, restituir à história os discursos antes vistos como incompetentes e, portanto, relegados ao silêncio. É contra o efeito de poder que a centralização da verdade garante que se insurja o projeto genealógico de Foucault. Como ele próprio afirma:

“(...) Trata-se de ativar saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica unitária que pretenderia deputá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome



de um conhecimento verdadeiro, em nome dos direitos de uma ciência detida por alguns. As genealogias não são, portanto, retornos positivos a uma forma de ciência mais atenta ou mais exata, mas anticiências. (...) Trata-se da insurreição dos saberes não tanto contra os conteúdos, os métodos e os conceitos de uma ciência, mas de uma insurreição dos saberes antes de tudo contra os efeitos de poder centralizadores que estão ligados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado no interior de uma sociedade como a nossa.(...) São os efeitos de poder próprios a um discurso considerado como científico que a genealogia deve combater”

(FOUCAULT, 1989: 171).

Segundo a citação unem-se os dois primeiros objetivos do projeto. Para relativizar a Verdade produzida pelos discursos tidos como legítimos é preciso recolocá-los como o que são: discursos entre outros discursos. E, por outro lado, ao fazê-lo já se está inserindo na história os saberes locais, tradicionalmente vistos pelas instâncias “competentes” como desqualificados ou ilegítimos. Foucault, ao recuperar os diversos enunciados como igualmente relevantes no âmbito dos saberes, está relativizando a ciência como o único discurso verdadeiro e, nesse sentido, realizando seu terceiro objetivo: lutar contra os efeitos de poder que as verdades exercem.⁹

Em “O Nascimento da Clínica” Foucault se propõe a analisar a formação dos enunciados médicos e a mudança destes ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX. A partir de um exame detalhado dos discursos médicos, observa a formação de um novo tipo de concepção sobre a medicina que incidirá sobre a doença, sobre o corpo e, finalmente, desembocará num novo tipo de prática: a clínica. Em “Verdad y Poder”¹⁰ o autor esclarece que seu objetivo, naquele trabalho, é o de descrever uma nova política do enunciado científico que está se configurando naquele momento. Para Foucault, não basta apenas saber que novo discurso é este. Ele se interessa, sobretudo, pela circulação de verdades que esses discursos possibilitam. Isto porque é em nome de tais verdades

Os efeitos dos discursos: saber e poder para Michel Foucault e Pierre Bourdieu
Ana Paula Cavalcanti Simioni

⁹ Certamente Foucault não analisa apenas discursos em “Vigiar e Punir”, ele trabalha também com o aumento demográfico, com o novo sistema produtivo no momento em que vê surgir o poder disciplinar.

¹⁰ FOUCAULT, Michel. op. cit. 1990, p. 133.



Os efeitos dos discursos: saber e poder para Michel Foucault e Pierre Bourdieu
Ana Paula Cavalcanti Simioni

¹¹ FOUCAULT, M. "Disciplina" In —. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis, Vozes, 1987. pp. 164-172.

que se exerce o poder, por exemplo, de definir quem é normal e quem não o é, quem deve ser medicalizado e quem não necessita ser objeto de cuidados médicos.

Em "Vigiar e Punir", mais precisamente na sua terceira parte denominada "Disciplina", o autor analisa o dispositivo disciplinar denominado **Exame**¹¹: procedimento que reúne as técnicas de vigiar, classificar, qualificar, estabelecer distinções entre o que é ou não normal e, finalmente, punir. O médico, o psiquiatra, o psicólogo encarregados do exame submetem o examinado ao seu olhar que disseca, classifica, hierarquiza e pode estabelecer o que deve e o que não deve ser punido (ou medicado). Este pequeno ato é então o momento em que se estabelece a verdadeira condição do examinado, é em nome de tal parecer que se pode agir sobre seu corpo, seja no intuito de curá-lo, seja no de puni-lo. A verdade, no caso, é passaporte para a realização do poder.

Por outro lado, o procedimento do exame é acompanhado de documentos e registros sobre os examinados, indicando uma acumulação de saberes engendrados através desse dispositivo. Analisar, descrever, levantar os traços particulares do indivíduo tornam-no um objeto descritível e comparável a outros, o que possibilita a estimativa dos desvios numa população. Foi o exame um dos viabilizadores do nascimento das ciências humanas. Saberes, verdades e poderes estão, assim, completamente interligados. A verdade é um dos efeitos do poder, assim como o poder necessita das verdades, da crença nas verdades, para que circule e intervenha nos corpos.

Quando a genealogia se propõe a analisar as condições políticas de formação dos discursos, isto é, o porquê destes discursos, tem em vista demonstrar a relação de consubstancialidade entre os saberes e os poderes. O saber se encontra dotado de poder, inclusive institucionalmente, é enquanto se tem saber (ou nos termos de Bourdieu, competência) que se tem poder. Ao mesmo tempo toda a relação de poder exige um campo de saber para seu exercício, como já foi visto no caso do "exame", dispositivo que gera saber ao passo que realiza o poder. Como diz Roberto Machado:



“O que faz a genealogia é considerar o saber-compreendido como materialidade, como prática, como acontecimento¹² — como peça de um dispositivo político que, enquanto dispositivo, se articula com a estrutura econômica. Ou, mais especificamente, a questão da genealogia tem sido a de como se formaram domínios de saber a partir de práticas políticas disciplinares”
(MACHADO, 1988:198).

Finalmente, o quarto e último objetivo se refere àquilo que já foi mencionado anteriormente: o deslocamento em relação às análises tradicionais do poder, que o tomam como um atributo exclusivo do Estado. Contra essa concepção, Foucault desenvolve a noção de poder disciplinar, que é ao mesmo tempo um acontecimento na história e uma maneira de o autor se contrapor às tradições da filosofia e da ciência política¹³.

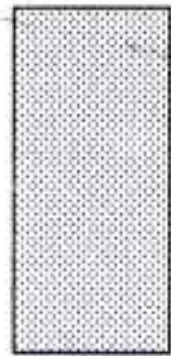
A disciplina é um tipo de organização do espaço, um controle do tempo; tem como principal instrumento a vigilância e implica num registro contínuo de conhecimentos. Não é, assim, uma instituição, um aparelho ou uma norma estatal. Ela atravessa as instituições, os aparelhos, os corpos dos indivíduos e o Estado. É uma rede sem fronteiras definidas, que não tem seu centro de origem em lugar algum, mas que está em todos os corpos (cabe notar que é contra este tipo de abordagem que Bourdieu se opõe), atuando sobre eles minuciosamente — sobre seus hábitos, discursos, gestos etc. — de forma a discipliná-los. E disciplinar significa transformar os corpos em força útil economicamente e retirar sua força política, sua capacidade de oposição e de luta, em uma única palavra, docilizá-los.

Nessa concepção o poder não é visto como atributo mas como relação. Não é algo que se possui, não é um objeto, mas sim um elemento que se exerce **nas e pelas** relações sociais. Por outro lado, não deve ser visto apenas como repressivo, como aquele que interdita, que diz não. Ele é também criativo, constitui positivities: saberes, práticas, corpos dóceis, verdades etc. Dito isto, entende-se que analisar os efeitos de poder significa estudar os

Os efeitos dos discursos: saber e poder para Michel Foucault e Pierre Bourdieu
Ana Paula Cavalcanti Simioni

¹² A noção de acontecimento, embora muito importante para a genealogia de Foucault, não foi aqui trabalhada. Mas pode-se dizer que se refere à nova abordagem da história que tem o autor. Significa trabalhar com a originalidade dos eventos e não com a história tradicional que os dissolve num processo. Cf. FOUCAULT, 1990, p. 134.

¹³ Deixamos de lado as noções de governamentalidade e biopoder.



Os efeitos dos discursos: saber e poder para Michel Foucault e Pierre Bourdieu

Ana Paula Cavalcanti Simioni

mecanismos através dos quais o poder se exerce e as positivities que instaura. E é precisamente isso que faz o autor quando, em “Vigiar e Punir”, diz que sua primeira regra geral é a de:

“Não centrar o estudo dos mecanismos punitivos unicamente em seus efeitos repressivos, só em seu aspecto de sanção, mas recolocá-los na série completa dos efeitos positivos que eles podem induzir, mesmo se à primeira vista são marginais (...)”

(FOUCAULT, 1987: 26)

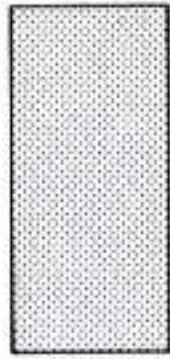
¹⁴ FOUCAULT, Michel. Op. cit. 1990. p. 134.

¹⁵ Bourdieu inicia seu livro “O Poder Simbólico” dizendo que procurará ver o poder por toda parte, mas sem fazer dele “numa outra maneira de o dissolver, uma espécie de ‘círculo cujo centro está em toda a parte e em parte alguma’ – é necessário saber descobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido: o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”. BOURDIEU, Pierre – “Sobre o poder simbólico” em *O Poder Simbólico*. Lisboa, Difel, 1989. pp. 7 e 8.

Fontana¹⁴ aponta o fato de ter sido Foucault o primeiro a abordar, na análise dos discursos, a questão do poder. A genealogia proposta por Foucault estabelece uma relativização do discurso “competente” como o único verdadeiro, ao recolocá-lo num campo mais geral dos saberes. Questiona-o como sede da razão neutra ao colocar em seu horizonte o vínculo consubstancial que tem com os poderes e ao apontar sua condição de possibilidade não no desenvolvimento da razão humana ao longo da história, mas ao determinar as contingências políticas de sua elaboração. Os discursos, no caso, aparecem como enunciados em relação, espalhados por toda a sociedade e que podem perpassar instituições diversas, corpos distintos e performadores de várias origens. Isto é, tem a mesma atuação que o poder, uma vez que é um de seus instrumentos de exercício e um de seus efeitos. É contra a noção de um poder disseminado, que Bourdieu chama “dissolvido”, que sua análise se desenvolverá, ainda que parta e se utilize dos deslocamentos teóricos e metodológicos realizados pelo autor já referido¹⁵.

O ESTRUTURALISMO GENÉTICO DE PIERRE BOURDIEU

Como Foucault, ou melhor, a partir de Foucault, Bourdieu procura analisar o poder não como atributo, mas como relação e algo que perpassa toda a sociedade. Também, como Foucault,



procura ver os discursos não como epifenômenos da estrutura social, reflexos enganosos do real, mas como fatos lingüísticos imbuídos de força, inclusive política. Assim, os aborda como instauradores de positivities, de realidades.

Bourdieu relativiza também o postulado iluminista de que a ciência seria a promotora de discursos verdadeiros posto que dotados de uma racionalidade neutra. Para tanto observa nos discursos científicos o imbricamento entre o poder, os interesses em disputa num determinado campo social e os enunciados. Sua análise contempla, como a anterior, as condições de possibilidade de emergência dos discursos, que estão atreladas às contingências que lhe são exteriores, como os determinantes sociais, históricos e políticos.

Há todavia uma diferença importante entre um e outro. Em “Vigiar e Punir” fala-se de discursos sem jamais precisar quem os enuncia, já que os discursos perpassam todos os corpos e instituições, e em uma época pode-se ver uma certa regularidade na formação dos enunciados e na maneira com que se relacionam com o poder, não sendo necessário, pois, precisar os agentes que os emitem. Já para Bourdieu, o poder se exerce de forma generalizada porque é **reconhecido**, ou seja, não é percebido enquanto tal, tem como parceiro o consentimento que advém do desconhecimento.

A tarefa do sociólogo, para Bourdieu, no que se refere ao projeto genealógico, é a de mostrar onde e quem exerce esse poder, tornando visível o que é invisível, especificando quem o exerce e, conseqüentemente, quem enuncia os discursos. A diferença, em termos analíticos, não é pequena e implica em pesquisas distintas. No caso de Bourdieu importa reconstituir o “campo” dos agentes emissores dos discursos e a posição que cada um destes ocupa no espaço social em que se inscrevem, para se compreender a que tipo de poder se está referindo.

Em “As Regras da Arte”¹⁶ Bourdieu critica Foucault afirmando que, ainda que seja o autor que melhor formula uma análise estrutural das obras culturais dentro da tradição estrutura-

Os efeitos dos discursos: saber e poder para Michel Foucault e Pierre Bourdieu
Ana Paula Cavalcanti Simioni

¹⁶ BOURDIEU, Pierre – “Questões de Método” In *As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.



**Os efeitos dos discursos: saber e poder
para Michel Foucault e Pierre Bourdieu**

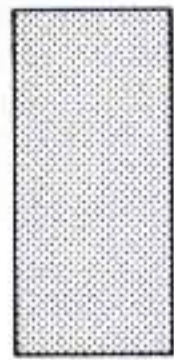
Ana Paula Cavalcanti Simioni

lista, na medida em que está consciente das ligações entre todas as obras, esse, ao recusar uma análise que busque o princípio de elucidação fora do “campo discursivo”, postula a autonomia de tal campo. Ao fazê-lo, segundo Bourdieu, “(...) transfere para o céu das idéias as oposições e os antagonismos que se enraízam (sem se reduzir a isso) nas relações entre os produtores, recusando, desse modo, todo relacionamento das obras com as condições sociais de sua produção (como continuará a fazê-lo mais tarde com um discurso crítico sobre o saber e o poder que, na falta de levar em conta os agentes e seus interesses e sobretudo a violência em sua dimensão simbólica, permanece abstrato e idealista)” (BOURDIEU, 1996: 225-6).

Contra a análise “idealista” e o reducionismo materialista, o estruturalismo genético desenvolvido por Pierre Bourdieu se propõe a analisar o mundo como um composto de estruturas que escapam à consciência dos agentes, coagindo suas práticas e representações, e concomitantemente, introduzir a dimensão genética destas práticas. Procura ver como através de esquemas de percepção adquiridos — os *habitus* — os indivíduos participam da construção deste mesmo mundo, através de suas ações e classificações¹⁷.

Importa, na ótica de Bourdieu, não reduzir o mundo social às representações que dele fazem os agentes, mas ao contrário, ver nas representações o produto específico (o que equivale a dizer singular, que tem suas próprias leis de formulação e significação) da posição que esses ocupam num espaço social constantemente em disputa. E, todavia, é preciso evitar a visão de que a prática desses mesmos “sujeitos” resultam diretamente das imposições colocadas pela estrutura social. É preciso ver que cada campo tem suas próprias leis, sua lógica diferenciada, que as atividades simbólicas não podem ser deduzidas de outras atividades sem mediações. As representações e discursos proferidos nesses espaços referem-se mais a eles próprios que a uma “estrutura social” que se imagina estar em toda a parte. Isso dito, compreende-se que as práticas e discursos dos agentes só adquirem

¹⁷ Ver BOURDIEU, P. *Coisas Ditas*. op. cit. p. 149.



significados quando referidos ao campo em que são produzidos, campo este no qual os participantes estão constantemente se posicionando e lutando para adquirir novas posições através da imposição de suas visões de mundo. Assim, o campo é tido como locus de concorrência em que o indivíduo é ator, imprime sua marca, e não é meramente um suporte das estruturas.

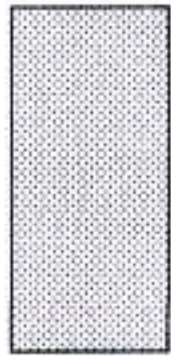
Compreender os discursos, para Bourdieu, significa por um lado vê-los como inseridos em um campo e, por outro, como produtos de agentes em luta pela imposição de suas visões de mundo como as únicas verdadeiras. Assim, os enunciados devem ser sempre remetidos ao contexto em que surgiram, um espaço objetivamente definido pelas posições dos agentes, determinadas pelas posses desiguais de capital (econômico, simbólico ou político, dependendo do campo em questão). O campo é estruturado pelas posições que os agentes nele ocupam e, assim, é preciso especificar quem são eles, quais as suas trajetórias, que tipo de capital acumularam durante suas carreiras, ou seja, reconstruir suas biografias sociais para que se esclareça a gênese de suas posições e, conseqüentemente, o significado de suas tomadas de posição.

Segundo Bourdieu, só é possível compreender as diferentes visões de mundo, representações e discursos quando há uma circunscrição de *quem* as está pronunciando, *de onde* o está fazendo e *qual o seu interesse* ao fazê-lo. Ou seja, diferente de Foucault, no presente caso o agente que enuncia o discurso — enquanto fruto de uma trajetória socialmente determinada que lhe impôs um habitus viabilizador de uma prática específica e enquanto ocupante de uma dada posição — é importante para elucidar qual a função e o significado político dos discursos.¹⁸

O projeto genealógico de Bourdieu, num certo sentido, é o mesmo de Foucault: o de desafiar as convenções, a maneira tradicional de abordar o poder e a dominação. Enquanto Foucault aponta a concubinação entre saberes e poderes e vê toda a relação social como imbuída de poder, de sorte que o poder não é mais um atributo exclusivo do Estado, Bourdieu pretende focalizar as

Os efeitos dos discursos: saber e poder para Michel Foucault e Pierre Bourdieu
Ana Paula Cavalcanti Simioni

¹⁸ Em "As Regras da Arte" Bourdieu reconstrói todo o campo dos escritores do século XIX na França para, posteriormente, analisar a trajetória de Flaubert dentro deste, o que lhe permite compreender o significado de sua obra "Educação Sentimental" e o "poder" que esta obra teve no sentido de alterar uma conformação do campo, impondo uma nova visão de mundo.



Os efeitos dos discursos: saber e poder para Michel Foucault e Pierre Bourdieu
Ana Paula Cavalcanti Simioni

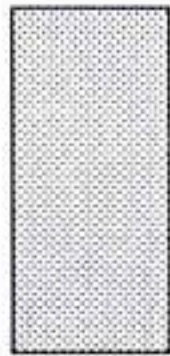
relações de dominação como relações ao mesmo tempo estruturais e simbólicas. No seu entender existe desigualdade na distribuição de capital entre os agentes, o que implica em posições distintas: dominantes e dominados.

Mas há também dominação **simbólica**, o que significa pensar que também mentalmente os indivíduos estão sujeitados ao poder de outros. O poder é antes de tudo um poder simbólico, um poder que deriva das classificações que os homens fazem do mundo em que vivem. Classificações estas vividas como naturais, espontâneas e que tiram sua força justamente deste fato, de serem *reconhecidas*, ou seja, ignoradas enquanto tal. Ao adquirirem força de verdades se impõem como orientadoras das práticas, ao passo que obscurecem suas origens (o campo, os interesses que aí estão em jogo e quem está construindo estas representações como verdadeiras).

A força dos discursos vem deste “desconhecimento” que implica num “reconhecimento” das idéias formuladas sobre o mundo, como a Verdade deste mundo. A intenção do autor é a de quebrar com esta crença nas verdades. Como fazê-lo? Através de uma conscientização acerca das condições de produção dos discursos e das classificações sociais, de sua gênese, isto é, tornar visível esse poder que retira sua força da invisibilidade. Mostrar o poder onde ele se deixa ver menos e, assim, possibilitar a reação dos dominados àquilo que os sujeita. Nas palavras do autor:

“A destruição deste poder de imposição simbólico radicado no desconhecimento supõe a tomada de consciência do arbitrário, quer dizer, a revelação da verdade objectiva e o aniquilamento da crença: é na medida em que o discurso heterodoxo destrói as falsas evidências da ortodoxia, restauração fictícia da doxa, e lhe neutraliza o poder de desmobilização, que ele encerra um poder simbólico de mobilização e de subversão, poder de tornar actual o poder potencial das classes dominadas”.

(BOURDIEU, 1989:15)



Como no caso de Foucault, também nessa abordagem os discursos são vistos como propagadores de verdades e, portanto, exercem o poder. Bourdieu insiste na necessidade de uma sociologia do conhecimento para que se combata o desconhecimento que viabiliza a execução do poder simbólico. Se esse é exercido a partir das classificações e nomeações que orientam os agentes no mundo, faz-se necessário então reconstruir a gênese destas, romper com seu “naturalismo”. E quem são as pessoas que, em nossa sociedade, estão na posição de dizer as verdades sobre o mundo, de classificar? Os intelectuais e cientistas, graças ao capital simbólico que possuem, são os enunciadores *competentes* das verdades sobre o nosso mundo, eles produzem as divisões e nomeações tidas como *legítimas* e, portanto, válidas. Esse capital simbólico, no dizer do autor, “é um crédito, um poder atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para ter condição de impor o reconhecimento” (BOURDIEU, 1990:166). Porque dotados de uma dada competência, os intelectuais e cientistas ocupam a posição de dominantes no que se refere à imposição de uma determinada visão de mundo. É enquanto “grupo dominante” no campo simbólico que estabelecem as verdades, as classificações, os discursos que impõem o “reconhecimento”, o “desconhecimento” do funcionamento deste mundo. Justamente enquanto intelectuais, tidos socialmente como porta-vozes da racionalidade e da objetividade, é que exercem o poder.

As análises de Bourdieu sobre os diversos campos simbólicos, intelectuais, escritores, pintores, fotografia, moda etc têm em vista mostrar que longe de estarem isentos das relações de poder, estão por elas imbuídos e possuem um papel capital no que se refere ao exercício do poder simbólico. São campos em que as divisões, nomeações, representações e discursos impõe determinadas visões de mundo como verdadeiras em detrimento de outras. Seus agentes o são também no que se refere ao exercício das dominações e sujeições. Nessa ótica, a Verdade não é a filha da história do desenvolvimento de uma razão neutra; a questão é outra, a de *a quem interessa a verdade e como esta domina, exerce o poder*. Como para Foucault, entre saberes e poder há uma relação de intimidade

Os efeitos dos discursos: saber e poder para Michel Foucault e Pierre Bourdieu

Ana Paula Cavalcanti Simioni



Os efeitos dos discursos: saber e poder para Michel Foucault e Pierre Bourdieu
Ana Paula Cavalcanti Simioni

e continuidade, porém, no caso de Bourdieu, para se romper com isto não basta reativar os saberes locais e recolocar a ciência (e também a filosofia) no âmbito dos saberes, sem primazia alguma: é preciso especificar quem exerce esse poder de dizer o que é ou não verdadeiro, porque o faz e de onde o faz. Só assim o reconhecimento/assentimento se transformaria em conhecimento. ■

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. The effects of discourse: Knowledge and power for Michel Foucault and Pierre Bourdieu. *Plural*; Sociologia, USP, S. Paulo, 6: 103-117, 1.sem. 1999

Abstract: This article aims to compare the meaning of "genealogical research" for Pierre Bourdieu and Michel Foucault. The emphasis is the interdependence between discourse and power, what makes the originality of these authors.

Uniterms: genealogy, power, discourse, truth, knowledge

BIBLIOGRAFIA

- BOURDIEU, Pierre – *Coisas Ditas*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1990.
- _____ – *As Regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- _____ – *O poder simbólico*. Lisboa, Editora Difel, 1989.
- FERRY, Luc & RENAULT, Alain – *Pensamento 68: ensaio sobre o anti-humanismo contemporâneo*. São Paulo, Editora Ensaio, 1988.
- FOUCAULT, Michel – *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Editora Graal, 1989.
- _____ – *Vigiar e Punir: história de violência nas prisões*. Petrópolis, Editora Vozes, 1991.
- _____ – *Un dialogo sobre el poder*. Buenos Aires, Alianza Editorial, 1990.
- MACHADO, Roberto – Epistemologia, Arqueologia, Genealogia. In *Ciência e Saber: a trajetória da Arqueologia de Foucault*. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1988.